



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6417 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

NARRATIVAS DOCENTES SOBRE CURRÍCULOS PRATICADOS COM BEBÊS

Marlene Oliveira dos Santos - UNIVERSIDADE FEDERAL DE BAHIA

Agência e/ou Instituição Financiadora: Não tem

NARRATIVAS DOCENTES SOBRE CURRÍCULOS PRATICADOS COM BEBÊS

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho resulta de uma pesquisa desenvolvida, em nível de pós-graduação, com professoras da Educação Infantil sobre currículos praticados com bebês, em um município brasileiro. Nesse texto busca-se compreender, a partir de narrativas, como as docentes e os bebês produzem e experienciam a proposta pedagógica e curricular no cotidiano da escola de Educação Infantil.

Do ponto de vista do teórico-metodológico, a pesquisa em si, o método, os procedimentos e instrumentos alinharam-se, principalmente, às reflexões feitas por Ricoeur (2009), Benjamin (2012) e Bruner (2003) sobre narrativa. Para esses autores, o ato de narrar é o que nos torna humanos e nos possibilita deixar como herança, para os que virão depois de nós, lições e conhecimentos para a construção de uma humanidade mais humana, ética, solidária e amorosa com a vida de cada ser vivo. Narrar significa contar histórias e todo sujeito tem uma vida cheia de histórias, tecidas nas experiências vividas no cotidiano em diferentes espaços e tempos, para narrar.

Nomeou-se o caminho metodológico da pesquisa de **caminho narrativo**. Viu-se nele uma possibilidade de maior aproximação e compreensão dos significados e sentidos das narrativas de seis professoras da Educação Infantil que trabalham com bebês sobre os currículos praticados com bebês e dos fenômenos sociopolíticos, histórico-culturais e pedagógicos a eles vinculados.

Para escuta das narrativas das professoras realizou-se encontros denominados de **Tertúlias Narrativas**. Tertúlia porque constituiu-se um lugar de encontro entre a pesquisadora e as professoras da Educação Infantil que trabalham com bebês na Rede Municipal de Salvador. E Narrativa porque o caminho narrativo expressado pedia uma

estratégia de encontro que primasse pela alteridade nos atos de escuta, diálogo e reflexão entre as integrantes da pesquisa sobre os currículos praticados com os bebês. Para Amorim (2004, p. 29), “Sem reconhecimento da alteridade não há objeto de pesquisa e isto faz com que toda tentativa de compreensão e diálogo se construa sempre na referência aos limites dessa tentativa.” As histórias que as pessoas têm para narrar não são informações e não têm prazo de validade. As informações passam, as histórias ficam. A narrativa se completa no movimento entre o narrador e o leitor/ouvinte da narrativa, pois, como disse Benjamin (2012, p. 217), “O narrador retira o que ele conta da experiência: de sua própria experiência ou da relatada por outros. E incorpora, por sua vez, as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes.”

Foram dez Tertúlias Narrativas, oito realizadas de agosto a novembro de 2016 e duas em julho e agosto de 2017. Cada Tertúlia teve uma duração de, aproximadamente, duas horas cada. A periodicidade das primeiras Tertúlias variou entre semanal, quinzenal e a cada 20 dias, conforme o calendário de atividades das docentes na escola, e as duas últimas, uma em cada mês citado.

Para escutar as seis professoras que exercem a docência com bebês nos três Centros Municipais de Educação Infantil de um município brasileiro, adotou-se três tipos de instrumentos no contexto das Tertúlias Narrativas: os *instrumentos de registro* (caderno de anotações, relatos escritos feitos pelas professoras, gravadores de áudio (celular e gravador de voz), máquina fotográfica e filmadora), o *instrumento de mediação* (cesto de tesouros) e o *instrumento de síntese* (cesto de palavras).

O cesto de tesouros, criado pela educadora inglesa Elinor Goldschmied, é um cesto de vime ou de outro material com objetos para os bebês que sentam explorarem (Goldschmied e Jackson, 2006). Ele foi incorporado na pesquisa como *instrumento de mediação* dado o seu potencial de exploração dos objetos presentes no cesto, de comunicação e de produção de narrativas e de diálogos entre as docentes e a pesquisadora. As professoras trouxeram para o cesto de tesouros materiais que utilizavam para a organização do trabalho pedagógico e/ou disponibilizavam para os bebês nos espaços e ambientes da escola.

O cesto de palavras, *instrumento de síntese*, reuniu as palavras enunciadas pelas professoras ao final de cada Tertúlia Narrativa como uma síntese de suas experiências no encontro. Visando manter a identidade das professoras em sigilo, adotou-se os códigos P1, P2, P3, P4, P5 e P6 para identificar suas falas. Todavia, para esse texto, optou-se pela explicitação de narrativas das professoras P2, P3, P4 e P6.

No que tange à interpretação dos sentidos e significados das narrativas das professoras, fez-se reflexões sobre cenas descritas e temas anunciados à luz de diferentes referenciais teóricos. O estudo desenvolvido, portanto, possui características da abordagem qualitativa, do tipo descritiva, e o método de investigação foi sendo tecido no caminho narrativo com as narrativas das professoras.

O presente texto está organizado em três partes que se relacionam entre si. A primeira apresenta o assunto, os objetivos, a metodologia e resultados da pesquisa. A segunda aborda nuances que emergiram das narrativas das professoras sobre currículos praticados com os bebês e a última evidencia resultados da pesquisa no que tange à temática aqui abordada.

2 NARRATIVAS DE DOCENTES DA EDUCAÇÃO INFANTIL SOBRE CURRÍCULOS PRATICADOS COM BEBÊS

Das narrativas docentes escutadas na pesquisa sobre os currículos praticados com os bebês, focalizou-se, para esse texto, naquelas produzidas na segunda Tertúlia Narrativa. Sentadas em roda, as professoras foram mostrando o que trouxeram para o cesto de tesouros. Ao apresentar o objeto, elas contaram suas histórias, explicitando sentidos e significados, bem como suas interpretações sobre o uso e a exploração daquele artefato pelos bebês, como descrito abaixo:

Eu trouxe um livrinho do uso deles. Vocês podem observar que está todo meio rasgadinho. A gente tem lá vários cestos de livros que a gente deixa à disposição e alguns que deixa guardado. [...] Então, eu trouxe isso aqui porque é significativo e está todos dias à disposição deles (P2, 2ª Tertúlia Narrativa, p. 5).

Quando ela [pesquisadora] pediu para trazer algo, eu pensei numa série de coisas, eu pensei no livrinho, eu pensei na bolinha, mas aí eu disse assim: nossa, eu vou levar uma coisa que não foi pensada por mim, foi pensada por eles. Esse paninho [toalha de bebê de algodão] é o paninho que a gente utiliza na hora que eles vão comer. Então, a gente usa para limpar a boquinha, para colocar neles. Quando eu percebi eles começam a brincar com esse paninho. Eles brincam, eles puxam, eles colocam neles, eles se escondem, a gente brinca de achou, colocam no outro. Então, o paninho é uma sensação. [...] Eles querem puxar, eles tentam subir na mesa para tentar pegar o paninho e aí eu passei a colocar o paninho também como um momento. Às vezes, eu brinco de achooooo, se escondeu, a pró se esconde, a ADI se esconde, cadê fulano? Aí eles ficam bem quietinhos, aí achou, então, é uma festa (P3, 2ª Tertúlia Narrativa, p. 14).

As professoras P2 e P3 trouxeram um “livro de literatura” e um “paninho”, respectivamente. O livro trazido pela professora P2 não era qualquer livro, mas um daqueles explorados pelos bebês, pois as marcas de seu uso estavam impressas na capa e no miolo do livro, com páginas desgastadas, amassadas e pontas arrebidadas do manuseio intenso no cotidiano. Era um livro que, pelas suas características, não ficava guardado no armário, mas nas mãos dos bebês, lugar que os livros mais gostam de ficar. As marcas da saliva, dos dentes e das unhas deixadas no livro pelos bebês mostram que ele o explorou, utilizando o que tinha disponível naquele momento para conhecê-lo, a sua boca (REYES, 2012). O bebê pode usar, inicialmente, a boca para fazer suas primeiras explorações, mas todos os seus sentidos estão envolvidos em cada ação empreendida por ele. É assim que os bebês vão se tornando leitores. De acordo com Reyes (2012, p. 77), “Embora a escola diga que a criança ainda não é leitor nem escritor, o diálogo permanente com a literatura permite-lhe lançar mão de sua herança cultural [...]”.

O paninho trazido por P3 é uma toalha de algodão de uso diário dos bebês. Esse paninho é um material não estruturado, que pode assumir diferentes funções e pode ser usado em distintos contextos com os bebês, como relatou a professora. Inicialmente ele servia para fazer a higiene da boca dos bebês nos momentos de alimentação, mas como o tecido chamou a atenção do grupo e a docente estava atenta aos interesses dos bebês, ela confirmou a função atribuída pelos bebês ao paninho, a de brinquedo. Com ele, os bebês passaram a brincar de puxar, brincar de esconder e achar, ampliando as possibilidades de interação entre os bebês e a professora e entre os próprios bebês.

A presença de brinquedos, objetos e materiais não estruturados, preferencialmente naturais, nos espaços e ambientes da escola de Educação Infantil permite que os bebês criem e façam múltiplas experimentações, rompendo com propostas, excessivamente, dirigidas e controladas pela docente. Para Piorski (2016, p. 25), “A busca pelo fazer livre da criança só se sustém se nos debruçarmos sobre as forças que movem esse fazer, os desejos que o dinamizam, as vontades que o dotam de infinitos gestos e inúmeras narrativas.”

Nas narrativas das professoras chama atenção também o uso de termos no diminutivo para se fazer menção às coisas dos bebês. Essa é uma cultura ainda enraizada no trato do adulto para com as crianças e para com as coisas das crianças. É como se a pouca idade dos bebês pedisse também o uso das palavras no diminutivo. A qualidade da relação entre o

professor e o bebê não está no uso de expressões no diminutivo, mas em dimensões relacionadas ao domínio do conhecimento sobre a educação de bebês, à disponibilidade para estar com o outro, às condições de trabalho para o exercício da docência, à infraestrutura da instituição de Educação Infantil e à qualidade, à especificidade e à quantidade de brinquedos, objetos, materiais estruturados e não-estruturados para as crianças explorarem e para as professoras desenvolverem suas ações docentes, em consonância com os interesses e potências dos bebês.

As docentes P6 e P4 explicitaram também em suas narrativas os brinquedos que mais chamam a atenção dos bebês em seus grupos, a saber:

Esse depoimento de P1 foi para mim fantástico, porque quando eu trouxe a bola, querendo trazer um pouco de cada coisa que a gente faz e de cada objeto que tem nas salas, foi pensando justamente nisso. O que é que a gente faz? Às vezes, a gente pega um livro e vem uma grande parte para escutar a história, mas eu tenho lá criança que prefere brincar com a bola, tenho criança que prefere o brinquedo de empilhar, ou com os chocalhos que a gente faz, em material reciclável, enfim (P6, 2ª Tertúlia Narrativa, p. 24).

Eu trouxe esse brinquedo de empilhar que, ultimamente, eu estou vendo interesse deles. Quando chegam já querem pegar a caixinha com o brinquedo de empilhar e, às vezes, um corre atrás do outro para querer tomar, para querer pegar. Eu fico me perguntando: por que desse interesse? E essa semana eu percebi que dois, pode falar o nome? Vinicius e Marcos [1] eles brigam muito e correm um atrás do outro por causa do brinquedo. Eles descobriram que colocando um dentro do outro que se encaixam, que um fica dentro do outro. Eu percebi que um pegou o brinquedo maior, o outro foi pegou, ficaram se olhando, um voltou, o outro pegou o maior e colocou, sentaram os dois e ficaram um tempão brincando e eu só observando: - Meu Deus! Essa semana toda eles só ficaram nesse brinquedo e eu tentando descobrir o porquê (P4, 2ª Tertúlia Narrativa, p. 20-21).

A bola apresentada pela professora P6 foi trazida para o cesto de tesouros como um símbolo do ela faz e uma representação de cada objeto disponibilizado e explorado pelos bebês. Compreender que os bebês podem se movimentar pelo espaço da sala de referência e acessar os objetos e materiais específicos para sua faixa etária e explorá-los, de acordo com seus interesses, pode ser um sinal de reconhecimento do bebê com sujeito potente e competente (RINALDI, 2016) e de que a atividade dirigida, como única opção no cotidiano dos bebês, não atende ao que eles têm o direito de experienciar na escola: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se (BRASIL, 2017). Para Tardos (2016, p. 77), a atividade dirigida “[...] diminui gravemente a autonomia da criança pequena e a acostuma a não procurar, a não sondar, a não tentar resolver por si mesma os problemas, mas pedir ajuda do adulto a partir do momento em que se encontra em dificuldade.” Além disso, ela aponta ainda outro grave problema: “[...] com essa prática, se elimina, totalmente, a fantasia criadora da criança. As suas possibilidades de iniciativa ficam enormemente limitadas.” (p. 77).

O trabalho pedagógico com os bebês requer a oferta de diferentes possibilidades de ação para sua escolha, como mencionou a professora P6. Os bebês não podem ser obrigados a fazer todos os dias a mesma atividade, ao mesmo tempo. O que o bebê precisa é “[...] é perceber que são ofertadas possibilidades de atividades, de tal maneira que possa participar dela, ou ficar de fora fazendo outra coisa” (TARDOS, 2016, 77). Para Falk (2011, p. 27), citando Emmi Pikler, “a criança que consegue algo por sua própria iniciativa e por seus próprios meios adquire uma classe de conhecimentos superior àquela que recebe a solução pronta”. As narrativas das professoras sobre currículos praticados com bebês evidenciam que os bebês experienciam em seu cotidiano atividades dirigidas por suas professoras e, em alguns momentos, podem explorar livremente os brinquedos e objetos ofertados na sala de referência e/ou em outros espaços da instituição de Educação Infantil.

A atividade de empilhar/encaixar experienciada pelos bebês narrada pela professora P4 possibilita a construção de muitas aprendizagens, sobretudo quando a docente tem um olhar

atento, por meio da observação, para apoiar os bebês em suas tentativas de erro e acerto e em suas conquistas. Sobre a atividade de encaixar, Balog (2017, p. 25), diz que

[...] são necessárias muitas tentativas antes que a criança consiga encaixar recipientes de diferentes formas e volume desses objetos, e também sobre suas semelhanças e diferenças. Quando aprende quais coisas encaixam e quais coisas não encaixam, aprenderá a diferenciar, simplesmente olhando, que os objetos servirão para o seu propósito.

Na experiência dos bebês descrita pela professora P4 é possível observar esse processo mencionado por Balog na brincadeira de encaixar objetos.

Cada professora narrou sobre o que faz, sobre o que oferta para os bebês, sobre como interage com os bebês no cotidiano, sobre como os currículos estão sendo produzidos no cotidiano da escola de Educação Infantil, sem, às vezes, se dar conta de que os currículos praticados com bebês se tornam currículo mediante a ação humana, as relações empreendidas entre os sujeitos que estão na escola e as condições materiais e não materiais ofertadas pelo estado para o exercício da docência com os bebês.

3 CONCLUSÃO

Os currículos praticados com os bebês narrados pelas professoras, com o auxílio dos brinquedos e objetos colocados no cesto de tesouros, são alicerçados em concepções de criança, de docência na Educação Infantil e de experiências e linguagens que constituem o currículo da primeira etapa da Educação Básica. O que se viu foram currículos praticados com bebês no plural. Cada escola de Educação Infantil tem um currículo constituído de micro currículos produzidos em cada grupo de bebês. Pluralizar o termo currículo é reconhecer “a multiplicidade de soluções que aparecem nos cotidianos das redes educativas que formamos e que nos formam” (ALVES, 2012, p. 35). Pensa-se que não somente as soluções, mas o reconhecimento da abundância de conhecimentos construídos e atualizados pelas diferentes gerações que estão na escola e os diversos *modus operandi* do ato pedagógico com os bebês.

As narrativas das professoras sobre currículos praticados com os bebês evidenciaram trançamentos de diferentes referenciais teórico-metodológicos em suas práticas, bem como saberes, descobertas, angústias, resistências e desafios no exercício da docência na Educação Infantil com os bebês.

REFERÊNCIAS

- ALVES, N. Currículos e pesquisas com o cotidiano. In: FERRAÇO, C. E. e CARVALHO, J. M. (Org.). **Currículos, pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividades**. Petrópolis, RJ: DP et ali; Vitória, ES: Nupec/UFES, 2012, p. 35-46.
- AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas**. São Paulo: Musa Editora, 2004.
- BALOG, G. Iniciando a construção: objetos adequados para a brincadeira. In: **As origens do brincar livre**. São Paulo: Omnisciência, 2017, p. 50-61.
- BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**. 8ª Ed. Revisada. SP: Brasiliense, 2012, p. 231-240. (Obras Escolhidas v.1)

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação (MEC). União dos Dirigentes Municipais da Educação (UNDIME), Conselho Nacional de Secretários de Educação (CONSED). Brasília, 2017.

BRUNER, J. **La fábrica de historias**: derecho, literatura, vida. Argentina: Fondo de Cultura Económica, 2003.

FALK, J. “Lóczy” e sua história. In.: FALK, J. (Org.). **Educar os três primeiros anos**: a experiência de Lóczy. Araraquara, SP: Junqueira&Marin, 2011, p. 15-37.

GOLDSCHMIED, E.; JACKSON, S. O cesto de tesouros. In: _____. **Educação de 0 a 3 anos**: atendimento em creche. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PIORSKI, G. **Brinquedos do chão**: a natureza, o imaginário e o brincar. SP: Peirópolis, 2016.

REYES, Y. **Triângulo amoroso na primeira infância**. (Entrevistada por Gabriela Romeu). Setembro, 2012. Disponível em: <<http://www.revistaemilia.com.br /mostra.php?id=237>>. Acesso em: 19 fev 2017.

RICOEUR, P. La vida: un relato en busca de narrador. In: RICOEUR, P. **Educación y política**: de la historia personal a la comunión de libertadores. Buenos Aires: 2009, p. 43-55.

RINALDI, C. A pedagogia da escuta: a perspectiva da escuta em Reggio Emilia. In: EDWARDS; GANDINI; FORMAN (Org.). **As cem linguagens da criança**: a experiência de Reggio Emilia em transformação (V.2). Porto Alegre: Penso, 2016, p. 235-247.

TARDOS, A. As atividades dirigidas. In: FALK, Judit (Org.). **Abordagem Pikler**: educação Infantil. SP: Omnisciência, 2016a, p. 70-79.

Palavras-chave: Currículos. Bebês. Narrativa. Educação Infantil.

[1] Os nomes dos bebês são fictícios.